

**DESAFIOS DO
LETRAMENTO
DIGITAL**
O DIÁLOGO ENTRE
A UNIVERSIDADE
E A ESCOLA

Elisângela Pereira da Silva
Vanessa Maciel Franco Magalhães
Edilaine Buin

**DESAFIOS DO
LETRAMENTO
DIGITAL**
O DIÁLOGO ENTRE
A UNIVERSIDADE
E A ESCOLA

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Elisângela Pereira da

Desafios do letramento digital : o diálogo entre a universidade e a escola / Elisângela Pereira da Silva, Vanessa Maciel Franco Magalhães, Edilaine Buin. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-528-8

1. Escrita 2. Internet (Rede de computador) 3. Leitura 4. Letramento digital 5. Linguagem e tecnologia 6. Linguística aplicada 7. Prática pedagógica 8. Professores – Formação 9. Universidades e escolas
I. Magalhães, Vanessa Maciel Franco. II. Buin, Edilaine. III. Título.

18-20289

CDD-371.334

Índices para catálogo sistemático:

1. Letramento digital : Formação de professores :
Tecnologia e linguagens : Educação 371.334

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final das autoras
bibliotecária: Cibele Maria Dias - CRB-8/9427

apoio institucional para
a publicação desta obra:
Universidade Federal da Grande Dourados

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 1 8

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória

Ao Carlos Augusto, que foi e sempre será, o nosso maior exemplo de força e determinação. Mamãe e as duas tias do coração dedicamos este livro a você, nosso príncipe.

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Adair Vieira Gonçalves, nosso querido parceiro de jornada e orientador de uma das pesquisas que envolve este livro, nosso agradecimento especial pelo companheirismo ao desbravar novos caminhos;

À Profa. Dra. Inês Signorini pelo acolhimento em seu grupo de pesquisa, por ter oportunizado a experiência com o registro da busca de informação na internet, na UNICAMP;

Aos professores Dr. Ruberval Franco Maciel (UEMS) e Dr. Wagner Rodrigues Silva (UFT), pelas valiosas contribuições no trabalho;

Aos acadêmicos de Letras e ao grupo do Programa de Iniciação à Docência, da faculdade de Letras da UFGD (coordenado na ocasião pelas professoras Dra. Alexandra Santos Pinheiro e Dra. Edilaine Buin), os quais, voluntariamente, participaram da investigação;

Aos membros do grupo de pesquisa “Gêneros Discursivos e Formação de Professores – GEDFOR”, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, e do grupo de pesquisa “Práticas de Escrita e de Reflexão sobre a Escrita em Diferentes Mídias”, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp);

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pela oportunidade de capacitação profissional de uma das autoras;

À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pela disponibilidade de bolsa de pesquisa a uma das autoras, o que proporcionou a realização de parte deste trabalho.

À Universidade Federal da Grande Dourados, pelo apoio financeiro para publicação do livro.

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas,
que já têm a forma do nosso corpo, (...), que nos levam
sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se
não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre,
à margem de nós mesmos.*

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
<i>Wagner Rodrigues Silva</i>	
INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1	
LETRAMENTO (INFORMACIONAL)	
DIGITAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	21
<i>Linguagem, Letramentos e Web 2.0</i>	22
<i>Práticas do Copiar e Colar.</i>	31
<i>Gênero Infográfico</i>	34
<i>Da formação inicial à formação continuada: perspectivas e importância</i>	44
Capítulo 2	
DOS PROBLEMAS À BUSCA DE SOLUÇÕES:	
QUESTÕES METODOLÓGICAS	59
<i>Primeira etapa – busca de informações na internet</i>	65
<i>Segunda etapa – formação no PIBID</i>	70
<i>A busca de informação na internet, leitura e produção de infográfico</i>	74

Capítulo 3

ANÁLISES DE PERCURSOS

TRILHADOS DE UMA FORMAÇÃO 85

*Retomada de momentos da formação: busca de
informação na Internet e construção de infográfico. 86*

Análise dos infográficos antes e depois da formação. 99

*Retomadas de momentos da formação:
prática do copiar e colar / plágio. 118*

Reflexões sobre momentos do percurso trilhado 132

PALAVRAS FINAIS 135

REFERÊNCIAS 143

Apresentação

DESAFIOS EXPERIENCIADOS DO LETRAMENTO DIGITAL

Em diferentes circunstâncias, deparamo-nos com desafios em nossa vida, os quais são experienciados de forma relativa. A própria escrita desta apresentação foi concebida dessa maneira, pois o gênero demanda a explicitação da importância do livro compartilhado com os leitores. Assim evitamos titubear diante da responsabilidade assumida.

Não participamos diretamente da pesquisa resultante neste volume, mas acompanhamos dois momentos do processo, quando nos foram disponibilizados manuscritos com registros dos resultados gerados no percurso investigativo. Em primeira mão, também tivemos acesso ao manuscrito disponibilizado em formato de livro, sobre o qual discorreremos nossas principais impressões nesta apresentação, na esperança de motivar ou convencer os leitores a aceitarem o convite para transitar pelas páginas seguintes.

A palavra *desafio* nos ajuda a definir a pesquisa registrada, pois a distância entre a teoria acadêmica e a prática profissional foi estreitada no experimento compartilhado neste livro. Na universidade, mesmo dentro dos cursos superiores de formação

de professores, as denominadas licenciaturas, são poucos os pesquisadores ou docentes que se dispõem a dialogar com os educadores da escola básica. A distância entre as instituições representadas não é assumida de forma premeditada, mas, certamente, é reflexo da prática científica distante do cidadão comum, a exemplo dos próprios educadores e, até mesmo, dos alunos das licenciaturas.

Este livro relata o desafio do enfrentamento da familiarização de professoras da escola básica e de alunos das licenciaturas com práticas de letramento digital, mais precisamente com situações de leitura e escrita instauradas a partir do uso de computadores. Em sua dimensão mais ampla, o letramento digital não pode ser ignorado pelas escolas básicas e, conseqüentemente, pelas licenciaturas, mesmo diante de inúmeros outros desafios contra os quais tais instituições vêm lutando e, algumas vezes, fraquejando, a exemplo da formação sustentável de leitores e escritores de textos impressos convencionais.

As autoras deste livro foram surpreendidas pelo conhecimento restrito do uso de computadores pelos participantes da pesquisa relatada: professoras da escola básica e, especialmente, acadêmicos de uma licenciatura. Em resposta ao desafio agravado, foram oferecidas oficinas com conteúdos propostos pelos próprios participantes, conforme interesse por eles manifestados, a exemplo do uso de tecnologias digitais para escrita, reescrita, correção textual, busca de informações e produção de infográficos.

Nessas oficinas, foram instauradas importantes interações que resultaram em trocas de experiências entre os participantes, possibilitando um maior conhecimento mútuo entre as instituições representadas, desvelando experiências profissionais, saberes produzidos, fragilidades administrativas, dentre outros. O compartilhamento dessas interações em meio aos desafios mostrados se configura como um dos pontos

altos deste livro, onde o leitor encontra relatos de relevantes práticas de ensino e de pesquisa na perspectiva do letramento, mas precisamente nas versões do *letramento digital* e do *letramento informacional digital*.

As tecnologias digitais têm alcançado diversas instâncias do nosso cotidiano. As escolas precisam considerar as demandas criadas por essas tecnologias, assim como as universidades, caso contrário, por omissão, tais instituições de ensino contribuirão para agravar especialmente a situação de exclusão enfrentada pela população brasileira economicamente desfavorecida, para a qual parece regra o acesso extremamente precário a serviços públicos básicos.

Finalmente, destacamos que o “estopim” para os resultados inusitados da investigação compartilhada foi a disponibilidade dos participantes da pesquisa para o trabalho cooperativo, o encontro entre as instituições envolvidas foi precioso. Para experienciar esse encontro e, conseqüentemente, produzir outros saberes, os leitores estão convidados, ou melhor, desafiados ao diálogo com as autoras! Desejamos a todos uma excelente leitura!

Wagner Rodrigues Silva
Universidade Federal do Tocantins
Palmas, 23 de abril de 2018.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro é estabelecer o diálogo entre professores de escolas básicas e a universidade, de modo mais específico, dos cursos de Letras e de Linguística Aplicada. Ambos, unidos por uma questão contemporânea: a de contribuir com a formação de acadêmicos e de estudantes do ensino básico, de modo a possibilitar maior proficiência em práticas de escrita e de leitura que envolvem as tecnologias da comunicação e da informação (TIC).

Tudo iniciou pelas experiências das autoras em Salas de Tecnologias Educacionais (STE), de modo mais intenso, nos municípios de Naviraí-MS e de Dourados-MS. As STE foram instaladas nas escolas públicas desses municípios e equipadas com computadores, *Datashow*, Multimídia (computador acoplado no *Datashow*), som, e, aos poucos, a prefeitura, o Estado e o Ministério da Educação e Cultura – (MEC) foram disponibilizando outros recursos como máquina fotográfica, TV e, em algumas escolas, lousa digital.

Para o uso das tecnologias, os professores regentes,¹ de áreas² e os que atuam na Sala de Tecnologia Educacional – STE³ – são orientados pelo Núcleo Tecnologia Educacional (NTE), formado por uma equipe de professores treinados para acompanhá-los. Esses formadores do NTE oferecem cursos a respeito do uso dos recursos tecnológicos na educação e acompanham o trabalho dos professores com a intermediação de um professor responsável pela STE. O papel desse professor da STE é assessorar os demais professores a utilizar os recursos tecnológicos, a planejar suas aulas, a buscar atividades interativas, a organizar a sala para o uso, a deixar os computadores ligados nas páginas de “joguinhas educativas”, instalar o *Datashow* e dar suporte ao professor durante a aula.

O NTE oferece cursos para os docentes (regente, de área, professor STE), mas, devido à carga horária excessiva em sala de aula, muitos iniciam e não concluem a formação. Os cursos não são de informática básica, como aqueles que ensinam a digitar e ligar o computador, mas visam à orientação sobre como trabalhar com sistemas operacionais e programas, como ferramentas pedagógicas. Os mais oferecidos são: *Tecnologias na Educação: Ensinando e Aprendendo com as TIC*,⁴ *Projeto Integrado Tecnologias e Currículo (PITEC)*; *Introdução à Educação Digital – Linux Educacional*; *Oficinas da criação de Blog*. Portanto,

-
1. Professores regentes, especificamente no município de Naviraí-MS e de Dourados (MS), são os professores que atuam com maior carga horária em apenas uma turma, lecionando Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências.
 2. Professores de área são os que atuam apenas em uma determinada disciplina, como Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Produção Interativa.
 3. Para atuar nas STE das escolas municipais, o professor, independente da licenciatura, participa de uma seleção, por meio de provas teóricas e práticas de informática.
 4. Tecnologia de Informação e Comunicação – TIC

torna-se fundamental que os profissionais envolvidos tenham conhecimento prévio de como usar o computador, o que nem sempre acontece. Isso é também uma das justificativas para o fato de muitos professores interessados não concluírem os cursos.

No tempo de atuação na STE, duas das autoras vivenciaram a dificuldade de atrair a comunidade escolar para fazer uso daquele ambiente com seus alunos. Alguns docentes levavam seus alunos (2º ao 9º anos) para a STE e requisitavam uma busca do conteúdo que estavam estudando em sala (conforme planejamento de aula) e pediam para copiarem, mudando o suporte do quadro negro pela tela do computador.

Desde o início da implantação das STE nas escolas, várias mudanças ocorreram. Hoje, em contato com alguns professores, percebemos que o uso da STE está mais frequente nas escolas municipais e estaduais. Nessas salas, atua um docente como responsável pela STE, selecionado por prova escrita e prática. As secretarias de educação, municipal e estadual já mencionaram, várias vezes, a possibilidade de substituir o professor por um técnico. A ideia de manter um professor vem da crença de que, como pedagogo e/ou licenciado, esse profissional estaria munido de conhecimentos técnico-pedagógicos para auxiliar os colegas da sala de aula convencional a planejar o uso dos recursos tecnológicos e da STE, a partir dos objetivos da aula. Infelizmente, não é o que observamos na realidade.

Considerando experiências anteriores e a atual vivência nas escolas públicas, tornou-se evidente a necessidade de investir na formação docente em relação ao letramento digital, para que professores em serviço ou em formação tenham autonomia para lidar com as novas práticas pedagógicas mediadas pelo computador e a internet. Como esclarece Jimenez (2013):

O censo escolar de 2011 aponta que há pouco mais de 2 milhões de professores atuando na educação básica no Brasil,

74% deles com formação superior. Entretanto, essa formação não inclui, em sua maioria, o preparo para o uso da internet como recurso pedagógico. Geralmente, quando as graduações abordam esse recurso, focam principalmente a decodificação de signos e a organização da gramática hipertextual, mas deslocados das potencialidades pedagógicas intrínsecas ao meio digital. Os professores são letrados, em sua maioria, em textos impressos seqüenciais, mas não podemos dizer que já vivenciaram o processo de letramento digital. (Jimenez 2013, p. 38)

Desde 2013, não identificamos mudanças significativas nesse sentido, o que nos impulsionou a investir nisso. Um dos pontos que levantamos são em torno da necessidade de se ter mais informações sobre a competência dos acadêmicos,⁵ que são os futuros professores, em relação ao LD, e se as atividades na formação inicial exercitam o uso do computador e da internet. Para efetivar essa formação, foi necessário investigar e analisar o LID dos futuros professores, por meio do comportamento de busca de informações na internet, o qual foi averiguado durante a solicitação de uma primeira atividade: a construção de infográficos, a fim de reconhecermos o processo de busca utilizado pelos professores em potencial (Magalhães 2016). Ou seja, contando com um programa de gravação dos passos do leitor na busca de informação na internet, debruçamo-nos para recuperar esses passos e descobrir como é que os graduandos recém chegados do ensino médio e os quase formandos buscavam informações em rede.⁶ Foram mais de um ano de trabalho conjunto intenso para recuperar e transcrever todos os passos de um grupo representativo do primeiro ano de Letras e outro, do quarto ano.

5. Conforme o contexto, utilizaremos os termos alunos, acadêmicos, universitários, colaboradores, referindo-nos aos participantes da pesquisa.

6. Este caminho vem minuciosamente descrito na dissertação de mestrado de Vanessa Maciel Franco Magalhães (2016).

Nossa expectativa tinha como foco mais específico o letramento informacional digital (LID), ou seja, a investigação de como os estudantes buscavam informação na internet. No entanto, deparamo-nos com dificuldades muito mais básicas, que iniciavam por ligar um computador, usar suas ferramentas mais simples, envolvendo *Word*, *Power point*, uso de *hiperlinks* etc.

Com os resultados em mãos, o foco desviou do LID para questões mais gerais do LD. Ficou mais evidente a urgência de uma formação que envolvesse o letramento digital, o que foi possível por meio de um projeto de extensão desenvolvido no âmbito do PIBID-Letras-UFGD, programa coordenado por uma das autoras. Houve a possibilidade de desenvolver uma formação continuada que pudesse contribuir para diminuir as dificuldades apresentadas pelos acadêmicos. Na formação, os participantes tiveram oportunidades de usar ferramentas básicas e de fazer o processo de busca, e ter acesso a *sites*.

Este livro, com foco no contexto exposto, apresenta:

- A análise da implementação de uma formação continuada aos professores em formação e já formados que participavam do PIBID-Letras;
- Os resultados obtidos e sua relevância;
- A comparação percentual da evolução dos infográficos apresentados pelos 20 informantes na primeira geração de dados e pelos 37 participantes da formação, por nós elaborada e desenvolvida.

A proposta é dialogar com professores formados e em formação, educadores, lingüistas, estudantes de Letras, de Linguística e de Pedagogia, por meio de uma experiência que envolve, simultaneamente, pesquisa e extensão, procurando contribuir para uma reflexão que inspire novos caminhos para resolução das necessidades atuais que envolvem as TICs. O

infográfico não é o foco principal; trata-se do gênero que os estudantes e professores produziram para podermos observar e interferir no processo de construção. Para isso, discorreremos, no capítulo 1, sobre questões teóricas que envolvem o letramento digital e a formação de professores; no capítulo 2, sobre questões metodológicas que envolvem a pesquisa e o fazer pedagógico, até chegar, no capítulo 3, às análises propiciadas pelo desenvolvimento de uma formação continuada.